



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS - IL**

**Kamila Rodrigues da Costa Aguiar**

**ESTUDO DE CASO SOBRE O PREENCHIMENTO DO  
SUJEITO E A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA  
APRENDIZAGEM DE ESPANHOL POR FALANTES  
DE PORTUGUÊS**

**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

**Brasília- DF**

**1º/2015**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**Kamila Rodrigues da Costa Aguiar**

**ESTUDO DE CASO SOBRE O PREENCHIMENTO DO  
SUJEITO E A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA  
APRENDIZAGEM DE ESPANHOL POR FALANTES  
DE PORTUGUÊS**

*Monografia de Graduação em Letras- Português  
apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de  
Brasília, como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciada em Português.*

**Orientadora: Prof. Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati**

**1º/2015**

## **Dedicatória**

Aos meus amados pais, Severino e Maria Rumana, pela confiança nos meus estudos e por nunca terem medido esforços para me proporcionar uma educação de qualidade.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de chegar onde cheguei, vencendo as dificuldades e me fazendo mais forte para continuar a caminhada.

Agradeço aos meus pais e a minha irmã que são fundamentais nas minhas vitórias. Obrigada pela paciência nos dias de estresse, pelo cuidado nos dias de cansaço e esgotamento físico, pelas noites mal dormidas de preocupação e por sempre acreditar no poder transformador da educação.

Obrigada tia Fia e Priscila pelo cuidado e carinho de sempre.

Agradeço aos familiares e amigos que sempre estiveram na torcida pela minha formação acadêmica, acompanhando e participando desse processo.

## Resumo

A presente pesquisa tem com objetivo descrever o preenchimento do sujeito e a colocação pronominal em produções escritas de falantes brasileiros aprendizes de espanhol em dois níveis diferentes: nível inicial e avançado. Busca-se investigar a interferência da língua materna na aquisição desses parâmetros na língua estrangeira. O estudo segue os pressupostos da Teoria Gerativa proposta por Chomsky (1957, 1981, 1995 entre outros) e o conceito de interlíngua proposto por Selinker (1972). A pesquisa analisou se a tendência observada na língua materna em relação ao preenchimento do sujeito e a colocação pronominal é transferida para a língua estrangeira. As conclusões obtidas foram as seguintes: o aprendiz de espanhol falante de português não transfere o sujeito nulo parcial do português brasileiro à LE, apresentando o uso do sujeito nulo característico do Espanhol. No que diz respeito à colocação pronominal, notou-se a predominância da próclise, tendência presente no português, porém este resultado deve ser entendido com cautela, já que no espanhol admite-se a próclise e a ênclise.

Palavras- chave: Aquisição de LE, Espanhol, Português, Interlíngua

## Sumário

1. Introdução .....	7
2. Língua Materna, Aquisição de L2 e Interlíngua.....	9
<b>2.1. Aquisição de L1</b> .....	9
<b>2.2. Aquisição x Aprendizagem x Interlíngua</b> .....	9
<b>3.1. Sujeito</b> .....	12
<b>3.1.1. O Sujeito na língua espanhola</b> .....	12
<b>3.1.2. O Sujeito no PB</b> .....	12
<b>3.1.3. Princípio 'Evite Pronome'</b> .....	13
<b>3.2. Colocação Pronominal</b> .....	14
4. Análise e Descrição do sujeito e da colocação pronominal na produção escrita de aprendizes.....	16
<b>4.1. Preenchimento do Sujeito</b> .....	16
<b>4.2. Colocação Pronominal</b> .....	19
5. Considerações Finais.....	21
6. Referências Bibliográficas .....	22

## 1.Introdução

O ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE) para brasileiros é permeado de mitos em razão da proximidade das línguas envolvidas, no caso o português brasileiro (PB) e o espanhol (E). Calvo Capilla (2011) afirma que, em etapas iniciais do ensino de E/LE (espanhol como língua estrangeira), a proximidade entre as duas línguas é vantajosa e, associada à transparência léxica, possibilita um avanço rápido do aprendiz. No entanto, a autora defende que, em etapas intermediárias e avançadas, a proximidade é uma desvantagem, já que se observa um período de estancamento, no qual o aprendiz não avança apresentando um alto grau de fossilização e um número elevado de interferências na interlíngua.

Na presente pesquisa, desejamos analisar a interferência da língua materna (LM) na aquisição da L2. Propomo-nos a fazer a análise da produção escrita de aprendizes brasileiros de espanhol em dois níveis: inicial e avançado. Nessa análise buscamos investigar como o falante de português aprendiz de espanhol emprega o sujeito e a colocação pronominal na língua estudada. Tais temas foram escolhidos por serem temas bastante estudados na linguística gerativista, tendo em vista que o espanhol é uma língua que apresenta a ocorrência do sujeito nulo e o português brasileiro vem se tornando uma língua de sujeito nulo parcial, pois o seu uso tem diminuído consideravelmente.

A escolha da produção escrita se deu em razão de proporcionar uma coleta de dados mais eficiente e objetiva. Optou-se pela escrita porque possibilita a reflexão do aprendiz ao produzi-la, podendo exercer a autocorreção.

Em relação ao sujeito, o foco está entre o preenchimento ou não (sujeito nulo) dessa posição na oração. No que diz respeito à colocação pronominal, o foco é o contraste do uso nas posições enclíticas e proclíticas que se tem entre as línguas envolvidas. Desejamos verificar as tendências existentes entre este grupo de aprendizes em relação a estes dois aspectos como forma de verificar a influência da língua materna.

Esta pesquisa apresenta no primeiro capítulo o referencial teórico que se centra no gerativismo proposto por Chomsky (1981) sobre aquisição de língua materna e língua estrangeira e o conceito de interlíngua proposto por Selinker (1972). No capítulo seguinte é feito uma breve descrição sobre o sujeito e a colocação pronominal em ambas as línguas. A análise de dados das produções escritas dos aprendizes de espanhol se encontra no terceiro

capítulo. Por fim, faremos um levantamento das conclusões da pesquisa e uma reflexão sobre o papel da língua materna no ensino de L2.

## **2. Língua Materna, Aquisição de L2 e Interlíngua**

### **2.1. Aquisição de L1**

O referencial teórico da pesquisa centra-se no gerativismo proposto por Chomsky (1981). Para ele, língua e gramática são entidades biológicas presentes na mente/ cérebro de todos os seres humanos. Chomsky (1981) defende que existe uma capacidade linguística inata denominada faculdade da linguagem, que tem como estado inicial a Gramática Universal (GU) e, como estado final, após o processo de aquisição, a língua-I.

A aquisição de uma língua materna ocorre pela interação entre a GU (dotada de princípios universais comuns a todas as línguas naturais) e os dados linguísticos do ambiente que levam a fixação de parâmetros e a aquisição da língua-I (internalizada, intensional e individual). Com a fixação de parâmetros referentes à sua língua materna, o falante teria representada em sua mente/ cérebro uma gramática nuclear, com uma periferia marcada que incorporaria fenômenos decorrentes de mudança linguística, empréstimos de outras línguas, entre outros. Tanto a gramática nuclear quanto a periferia marcada fazem parte da língua-I.

Portanto, o processo de aquisição de uma língua para Chomsky consiste em fixar os valores do parâmetro de determinada língua na GU, formando uma gramática nuclear dotada de uma periferia marcada, por meio da exposição do falante ao input.

### **2.2. Aquisição x Aprendizagem x Interlíngua**

Martín (2010) apresenta a polêmica dos termos *aquisição* e *aprendizagem*. Para ele, aquisição está relacionado à língua materna e aprendizagem a LE já que requer um contexto formal para o seu ensino. Liceras (2007) apresenta argumentos que reforçam essa visão, pois defende que a principal diferença entre a aquisição da língua materna e da LE, é que a primeira é adquirida sem a intencionalidade enquanto a segunda requer um contexto educacional para que seja adquirida/aprendida. Ainda sobre o uso dos termos aquisição e aprendizagem, Krashen (1981) *apud* Pires (2015) defende o uso do termo “aquisição” de L2, por considerar que ocorre um o processo semelhante ao da aquisição de L1, pois se realiza em ambiente informal e requer comunicação natural. Sobre o termo aprendizagem de L2, Krashen (1981) defende a mesma opinião que Liceras (2007). Acreditamos ser importante

conhecer essa diferenciação, porém optamos por usar de maneira aleatória esses termos nessa pesquisa.

Em sua tese de doutorado Pires (2015) apresenta vários estudos sobre aquisição de L2. Neles fica claro a participação da GU no processo. O que ainda causa discordância é o acesso a ela. O principal ponto de polêmica é o acesso à GU, já que para alguns teóricos ele existe e para outros é totalmente inviável, principalmente se tratando de um aprendiz adulto.

Para citar um autor, mencionamos Roeper (2000) *apud* Kato (2005), o qual propõe que o acesso à GU se dê direta ou indiretamente. Roeper defende que um dos valores de um parâmetro é o *default*, que ele nomeia de 'Minimal Default Grammar' (MDG), mesmo depois de descartado, ele permanece latente e pode ser ativado numa situação de aquisição em que o parâmetro não se conforme com o da língua materna do aprendiz. Isso significa que o acesso pode se dar de forma indireta à GU quando utilizar a L1 para a aquisição da L2, e ter acesso direto, pela periferia marcada, à GU quando se utilizar do MDG. Essa proposição é possível, pois Roeper defende que todo falante é potencialmente bilíngue, ou seja, tem condições de ter os parâmetros selecionados nas duas línguas.

O conceito de interlíngua surge com Selinker (1972), para ele:

El conjunto de oraciones que intenta producir un alumno que aprende una L2 no es idéntico al conjunto hipotetizado de las que produciría un hablante nativo de esa LO (lengua objeto) que intentara expresar los mismos significados que el alumno. Puesto que estos dos conjuntos de locuciones no son idénticos, cuando formulemos los principios relevantes para una teoría del aprendizaje de lenguas segundas estaremos completamente justificados, quizás hasta obligados, a presentar como hipótesis la existencia de un sistema lingüístico independiente: sobre la base de datos observables que resultan de los intentos del alumno en la producción de una norma de la LO. Llamaremos 'interlengua' (IL) a este sistema lingüístico (traducido en Licerias, 1992:83 em Ottonello, 2010)

Selinker (1972) propõe a existência de etapas sucessivas de aprendizagem na aquisição da L2, tais etapas que não representam fielmente nenhuma das línguas envolvidas, mas que pode apresentar característica das duas.

Ottonello (2010) esclarece que a interlíngua é um sistema linguístico cognitivo de uma língua não materna, ou seja, é o sistema que o falante não nativo possui. Nesse sistema há a intervenção de 3 processos: o *input* (entrada da informação), *intake* (incorporação dos dados)

e o *output* (saída da informação). Ao receber o *input* e verificar que se trata de uma LE, o aprendiz testa as hipóteses sobre os usos, regras gramaticais da LE comparando com o conhecimento que possui da língua materna e posteriormente pratica a informação na língua objeto. O aprendiz está suscetível a supergeneralizações que não representem o real uso da língua em todos os contextos.

Outro aspecto importante, tratado em Pavón (2009) e Liceras (2013), é a permeabilidade da interlíngua, ou seja, trata-se de um sistema aberto. Por apresentar essa característica está suscetível a constantes modificações condicionadas ao *input*, *intake* e *output*. Isso determina que o sistema linguístico do aprendiz evolua dentro de etapas sucessivas.

Liceras (2013) apresenta o posicionamento de Selinker (1972) em relação ao modelo linguístico em que se insere a interlíngua. Para Selinker, o modelo chomskiniano não contempla a interlíngua em razão de não poder garantir que ela se realize como uma língua natural, a que Chomsky denomina de língua- I, podendo se sobrepor com outros sistemas cognitivos.

### 3. O que dizem as gramáticas do espanhol e do português brasileiro?

Neste capítulo nos propomos a analisar os temas sujeito e colocação pronominal nas gramáticas das duas línguas. O objetivo é descrever o funcionamento de cada uma das línguas em relação aos fenômenos estudados.

#### 3.1. Sujeito

##### 3.1.1. O Sujeito na língua espanhola

Os sujeitos na gramática espanhola nem sempre estarão explícitos, embora também ocorra o preenchimento dessa posição. Estarão implícitos, principalmente, quando forem pronomes pessoais, característica que se estende a outros grupos que ocupem essa função. O sujeito pode ser pré-verbal ou pós-verbal.

Segundo a *'Nueva Gramática de la Lengua Española- Manual'* da Real Academia Española (2010), a língua espanhola admite sujeitos tácitos (também denominado nulo, vazio, elidido ou catalisado em diversas terminologias) que, apesar de carecer de traços fonéticos, possui um referente previamente explícito. Os sujeitos tácitos (representados por  $\emptyset$ ) não são pronomes, porém carregam propriedades pronominais que desencadeiam a concordância de número e pessoa com o verbo, e também a de gênero e número com os adjetivos e participios que atuam como atributos. Vejamos alguns exemplos que ilustram o que foi explicado acima:

(1)  $\emptyset$  Estaban cansadas...

(2) En todo caso  $\emptyset$  no fue sola.

O Manual (2010) afirma que a capacidade de uma língua em admitir sujeitos tácitos está estreitamente relacionada com a riqueza morfológica de sua flexão verbal.

##### 3.1.2. O Sujeito no PB

Ataliba de Castilho (2010) constata que no PB o sujeito pode ser preenchido por diferentes classes gramaticais e pode ser elidido também (representado pela anáfora- zero  $\emptyset$ ). Acrescenta que o sujeito preenchido pode se antepor ou pospor ao verbo.

O PB também apresenta sujeitos tácitos/elididos como no espanhol, porém hoje percebe-se que é menos frequente seu uso. Castilho (2010) cita seu estudo de 1986 com o Projeto Nurc/SP em que foram identificados 25% de sujeitos elípticos (tácitos) e 75% de sujeitos preenchidos, sendo 60% desses preenchidos por pronomes ou substantivos. Observou-se também que a ordem direta Sujeito-Verbo (SV) favorece o preenchimento do sujeito.

Duarte (1993) atribui a perda gradual da opção do sujeito nulo no PB à simplificação do paradigma flexional, provocado pela perda das formas pronominais **tu** e **vós**. Aponta também a coexistência de **a gente** e **nós**, o que nos leva a um paradigma com apenas 3 formas distintas.

A autora identifica uma assimetria entre o uso da opção de sujeito nulo entre a 1ª e 2ª pessoa e a 3ª pessoa do singular. Vejamos com um exemplo de sua pesquisa:

(3) Holly (nota Gabriel): O que é que o nosso anjo tem hoje?

Margareth:  $\emptyset$  Tá com essa cara desde que  $\emptyset$  chegou do ginásio.  $\emptyset$  Nem foi em casa almoçar.

Dona Irene: Com certeza  $\emptyset$  vai ficar novamente em segunda época. Desde que  $\emptyset$  chegou que  $\emptyset$  não pára de olhar a caderneta. (1992/058-063)

Nesse exemplo notamos que quando temos como referente a 3ª pessoa do singular, a opção pelo sujeito nulo se mantêm. Diferentemente do que acontece com a 1ª e 2ª pessoas em que o preenchimento do sujeito é alto. Duarte (1993) defende que na 3ª pessoa a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um sintagma nominal (SN) numa posição acessível no discurso ou em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes.

Neste aspecto as duas línguas se diferenciam. Enquanto uma faz uso da sua riqueza flexional, a outra apresenta a tendência de preencher a posição de sujeito em razão da redução do seu quadro pronominal.

### 3.1.3. Princípio 'Evite Pronome'

Duarte (1995) afirma que nas línguas românicas pro-drop o sujeito nulo não é uma opção, mas, sim, uma obrigação. A opção existe quando a compreensão está comprometida fazendo-se necessário o uso do pronome pleno. O que se vê no italiano e no espanhol é a complementaridade entre os sujeitos plenos e nulos. Observemos a seguinte frase:

( 4 ) Iba **yo/él** caminando por la calle.

Nessa frase se faz necessário o uso do pronome pleno para identificar o sujeito, já que a forma é a mesma para duas pessoas. Em um contexto discursivo que apresente o referente não se faz necessário o uso do pronome pleno e se acionaria a opção do sujeito nulo.

Segundo Duarte (1995), no PB o sujeito nulo não se encontra em distribuição complementar com o sujeito pleno. A tendência é que o sujeito pleno seja a opção em detrimento do sujeito nulo. Para a autora, o PB perdeu o princípio 'Evite o Pronome' e caminha na direção de línguas não pro-drop.

Em resumo, o espanhol segue o princípio 'Evite pronome' na posição de sujeito, apresentando o uso frequente do sujeito nulo enquanto o português brasileiro apresenta um sujeito nulo parcial que se manifestará em alguns ambientes.

### 3.2. Colocação Pronominal

No espanhol os pronomes átonos (*me, te, se, le, les, la, las, los, los, nos y os*) podem ser enclíticos ou proclíticos. São enclíticos quando se juntam ao infinitivo (**comprar**lo****), ao gerúndio (**compránd**o**lo**) e ao imperativo afirmativo (**cómpralo tú**) formando uma única palavra. Formas como 'se callen todos' no lugar de 'calléense todos' (imperativo afirmativo) se registram na língua popular da Espanha, embora sejam fortemente desprestigiadas. Os pronomes se apresentam na posição proclítica quando se antepõem a formas não pessoais do verbo em espanhol (*le contestó, las vio, se fue*). Em relação as perífrases o Manual (2010) apresenta a seguinte regra: nelas os gerúndios e infinitivos podem se construir com os pronomes átonos em posição enclítica a eles e por serem consideradas equivalentes a um núcleo verbal, o pronome pode anteceder o auxiliar sem variação perceptível no significado. Portanto nas perífrases o pronome pode se enclítico ou proclítico.

(5) Debo hacer**lo** / **Lo** debo hacer

(6) Estoy esperándote / **Te** estoy esperando.

No PB os pronomes pessoais átonos ou clíticos *me, te, se, o, lhe*, que expressam argumentos verbais, aparecem predominantemente, em posição proclítica. Castilho (2010) afirma que durante a história do português nota-se mobilidade de colocação dos clíticos, predominando a ênclise até o século XV e começando o domínio da próclise no século XVI. Agrega que nas perífrases e nos tempos compostos, o PB favorece a colocação do pronome antes do verbo pleno, o que o diferencia do português Europeu (PE) e do espanhol, no qual essa colocação se dará antes da perífrase ou depois do verbo pleno caso seja aceitável.

(7) PE - Maria vai encontrar-me.

(8) PB- Maria vai **me** encontrar.

Comparando as duas línguas, percebemos que a principal diferença se dá nas perífrases já que o PB admite o clítico antes do verbo pleno enquanto que o E o aceita antes do verbo auxiliar ou enclítico ao infinitivo ou gerúndio da perífrase. Outro ponto de diferenciação é a tendência do PB em ser proclítico e o E apresentar como característica a próclise e a ênclise, o que se torna uma dificuldade para o aprendiz brasileiro.

#### **4. Análise e Descrição do sujeito e da colocação pronominal na produção escrita de aprendizes**

Para o presente estudo foram analisadas 30 redações de aprendizes que estudam a língua espanhola em contexto formal no nível inicial e avançado, 15 redações de cada nível. As produções escritas foram aplicadas no 2º bimestre do 2º semestre de 2014, em uma centro de línguas da rede pública do Distrito Federal. Os aprendizes do nível inicial cursam a menos de 6 meses e os do avançado, a 5 anos. Os alunos do nível avançado tem entre 16 e 17 anos e os do nível inicial entre 12 e 13.

Os temas escolhidos para a produção escrita têm relação com os temas trabalhados em sala: para o nível inicial- os alunos tinham que responder a três perguntas em 10 linhas (¿Cómo es tu rutina?/ ¿Qué desayunas?/ ¿Estudias ou trabajas?) e para o avançado o tema era '*La convivencia y sus conflictos*', a ser desenvolvido em 15 linhas. Na redação relatam a experiência de fazer intercâmbio destacando as ações que teriam para evitar conflitos com outras pessoas que tivessem que conviver.

Nos dois níveis analisados percebemos a interferência no campo lexical, morfológico, sintático e fonético. Os aprendizes transferem, muitas vezes, a estrutura e o léxico da língua materna para a LE. Como nosso objeto de estudo é o sujeito e a colocação pronominal, vamos nos atear a eles na análise.

##### **4.1. Preenchimento do Sujeito**

Os dados coletados dizem respeito ao preenchimento do sujeito (tanto por substantivos, como por pronomes) e a ausência desse preenchimento (sujeito nulo). Como apresentado anteriormente, sabemos que o E apresenta uma tendência maior ao sujeito nulo, já que faz uso da sua riqueza flexional para marcar o sujeito, enquanto o PB realiza, em maior número, o preenchimento em virtude da redução do seu quadro pronominal. Tendo em conta esses aspectos, vejamos os resultados obtidos na pesquisa:

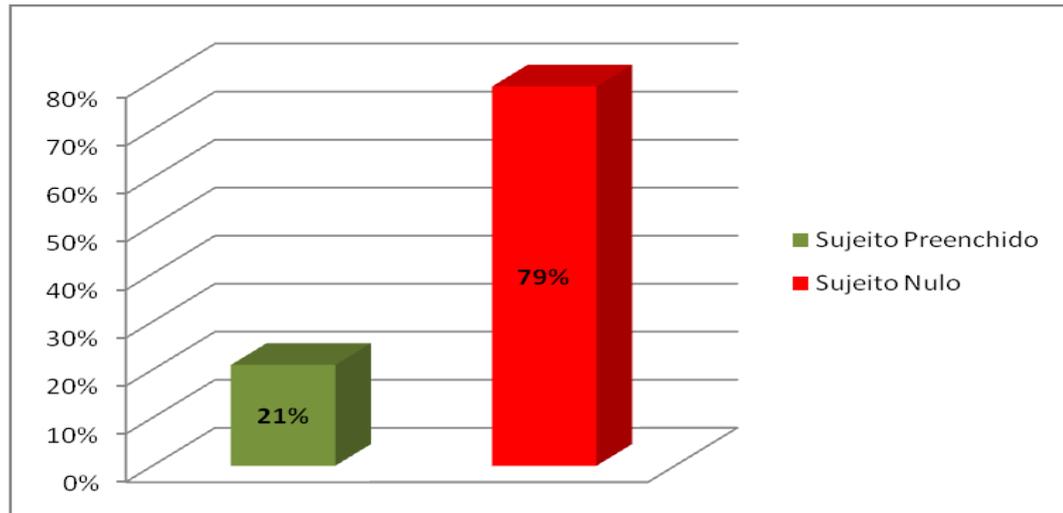


Tabela 1- Preenchimento do Sujeito- Nível Inicial

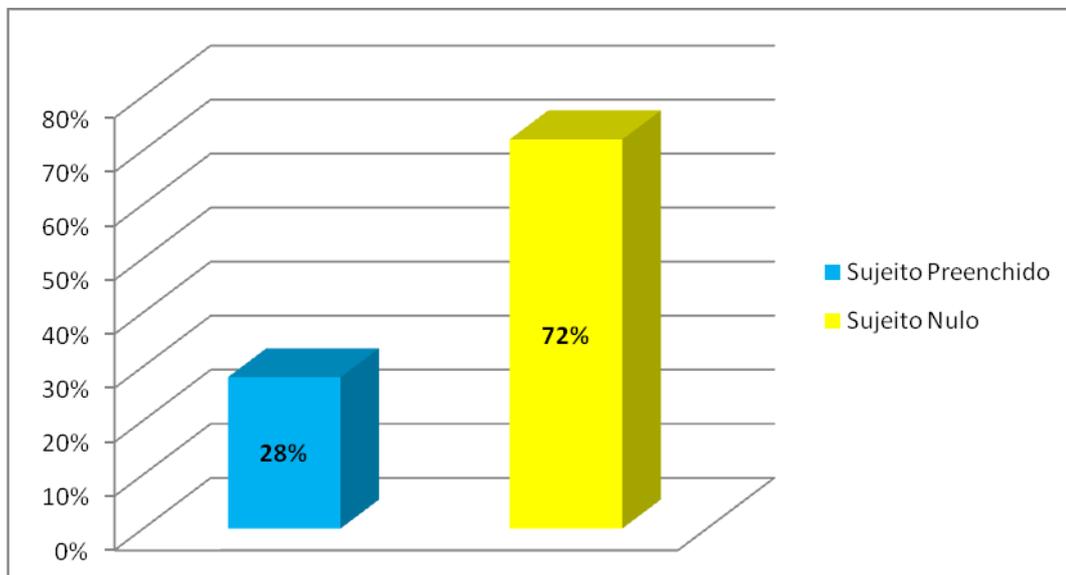


Tabela 2- Preenchimento do Sujeito- Nível Avançado

Tanto o percentual de preenchimento do sujeito, quanto o de sujeito nulo se mostraram bem semelhantes entre os dois níveis. A diferença é de 7%. O que nos chamou atenção é que o percentual de sujeito nulo se mostrou bem superior ao de preenchimento. Fato que nos indica que, embora sendo falantes do PB, nesse aspecto, não seguem a regra apresentada em sua língua materna. Outro aspecto que acreditamos que colaborou para o baixo preenchimento é o uso de ações enumeradas nas produções iniciais:

(9) Por la mañana, yo me levanto, me ducho, me visto y desayuno.

(10) Yo como a las 13:00. Me baño a las 17:00. Meriendo a las 18:00.

O aluno do nível inicial preenche a posição de sujeito na sua primeira ocorrência que serve como referente para os demais verbos, o que aumenta o uso do sujeito nulo.

Em relação ao preenchimento do sujeito analisamos se ele era feito por pronomes ou por substantivos nos dois níveis e obtivemos os seguintes gráficos:

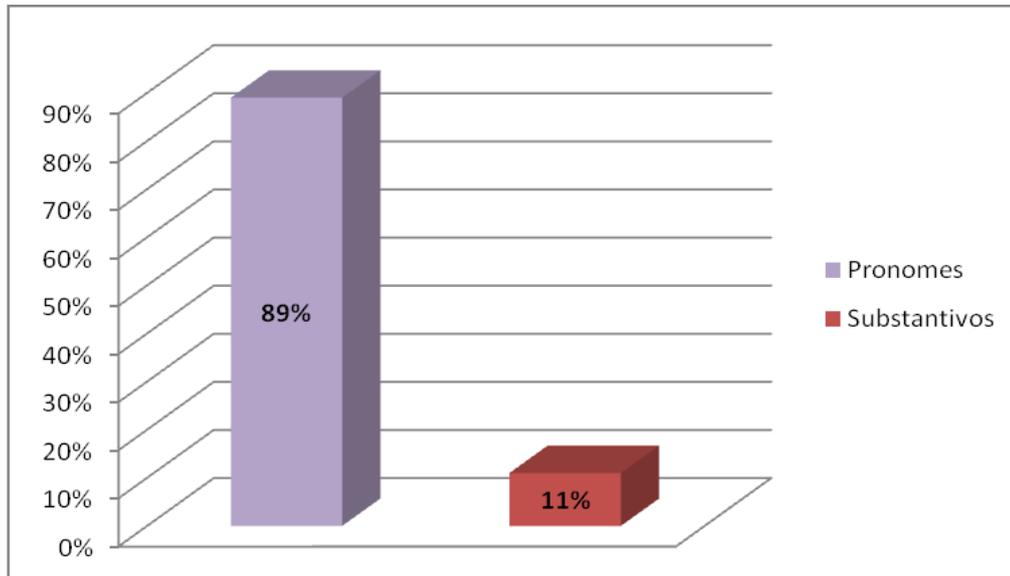


Tabela 3- Preenchimento do Sujeito- Nível Inicial

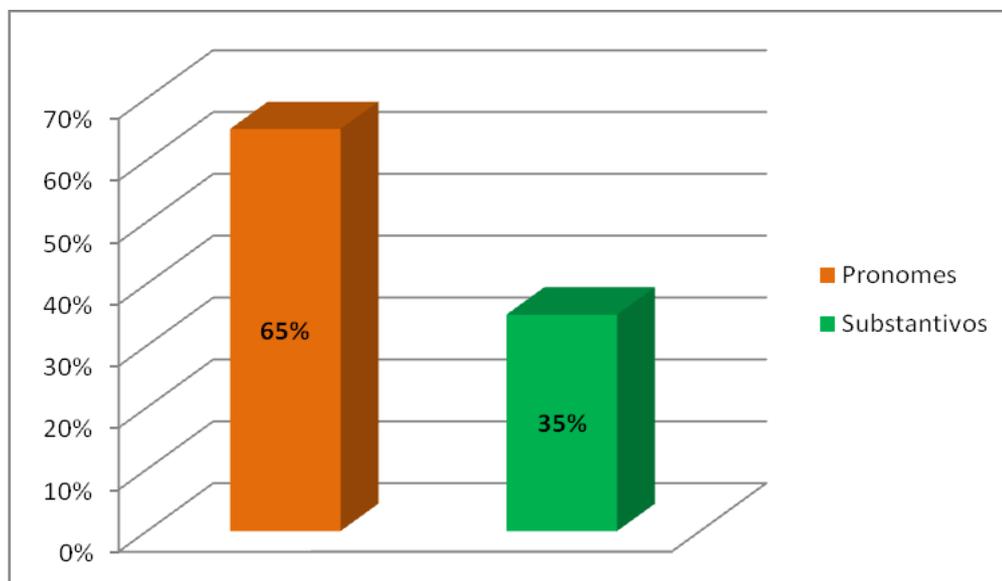


Tabela 4- Preenchimento do Sujeito- Nível Avançado

Na tabela 3, nota-se que os alunos iniciais preenchem mais com os pronomes. Atribuo este fato ao ser um dos conteúdos trabalhados nesta etapa do ensino. O vocabulário deles ainda é escasso, apresentando poucas palavras. Na tabela referente ao nível avançado,

percebemos que o percentual de uso dos substantivos é maior que os aprendizes da tabela 3, porém o uso de pronomes se mantém na frente em ambos os casos.

#### 4.2. Colocação Pronominal

Neste tópico desejamos perceber se a tendência observada no PB de uso da próclise se reflete na aprendizagem do E. Na língua espanhola, a colocação pronominal pode ocorrer tanto em próclise quanto em ênclise (no infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo).

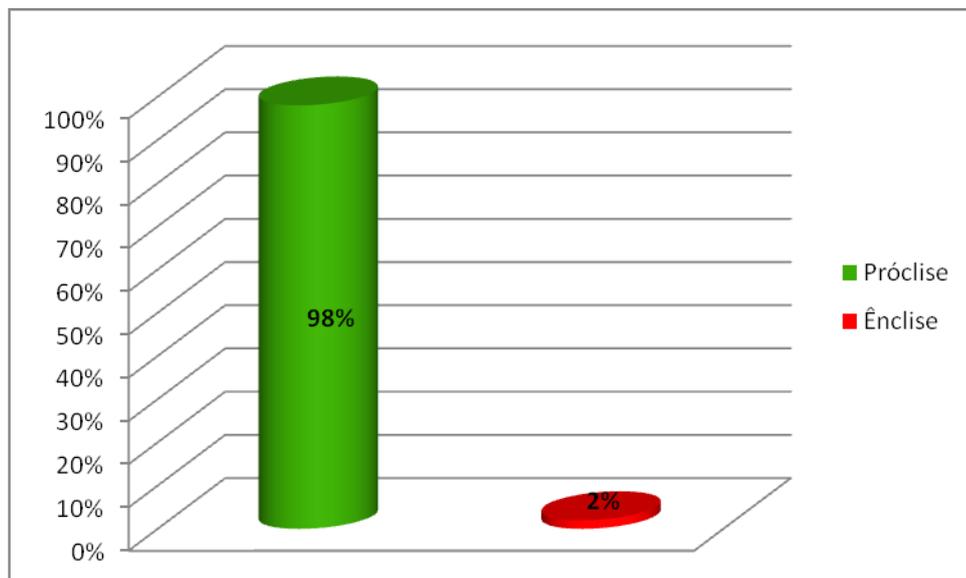


Tabela 5- Colocação Pronominal- Nível Inicial

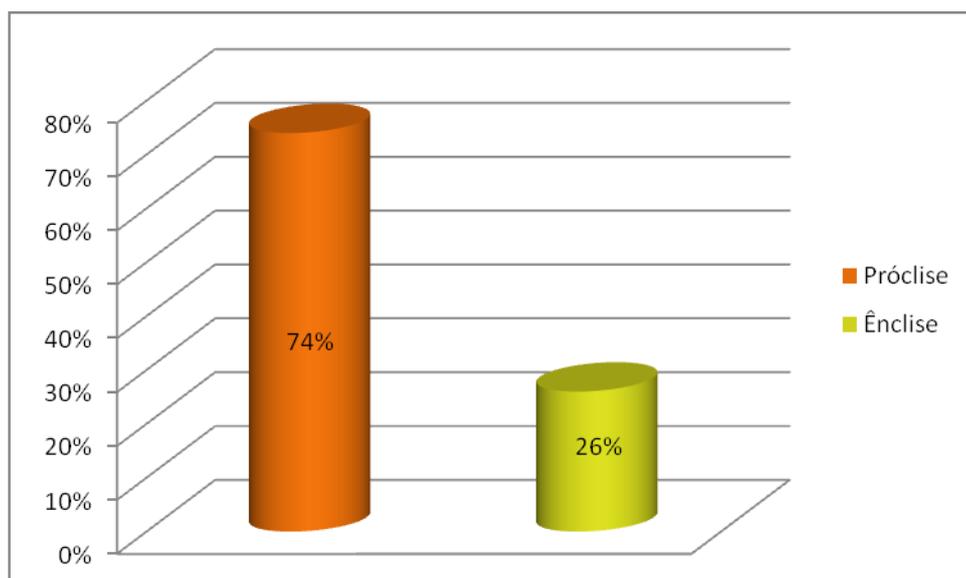


Tabela 6- Colocação Pronominal- Nível Avançado

Em ambos os gráficos, o uso da próclise ocorreu de forma mais frequente que a ênclise. A interpretação deste dado deve ser cuidadosa, pois pode não refletir a adequação do posicionamento do pronome. Observemos:

( 11 ) \*Voy **me** arrumar para ir a la escuela...

( 12 ) \*... **me** duchar y desayunar.

( 13 ) \*... intentaría **me** acostumbrar con sus horarios.

( 14 ) \*Después vamos **nos** conocer mejor.

Nos exemplos acima, temos o pronome em posição proclítica, porém é considerado agramatical tendo em vista que, em espanhol, o pronome deve ser enclítico ao verbo no infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo. Os aprendizes transferiram uma característica do PB ao E, porém essa característica não contempla todos os casos da LE.

Deve-se levar em conta também que a produção dos aprendizes do nível inicial solicitava que usassem verbos reflexivos em 1ª pessoa, sendo a próclise obrigatória.

Comparando os dois níveis, em linhas gerais, vemos que algumas das inadequações se repetem independente do nível. No nível inicial, temos mais erros interlinguísticos (entre as línguas envolvidas no processo de aprendizagem) e no avançado percebemos mais erros intralinguísticos (na língua objeto), embora os interlinguísticos ainda se manifestem com intensidade.

## 5. Considerações Finais

Um dos objetivos dessa pesquisa era investigar a interferência da língua materna na aprendizagem da L2 por meio da análise do uso do sujeito e da colocação pronominal encontrados nas produções dos aprendizes. Acreditávamos que a interferência seria bem maior do que a demonstrada. Em relação ao preenchimento ou não da posição de sujeito, demonstrou-se que o aprendiz não segue o padrão vigente no PB que é o preenchimento dessa posição, pelo contrário, os dados indicaram que o percentual de uso do sujeito nulo é bem superior do que o do preenchimento. Portanto, nesse aspecto, os parâmetros da língua materna não são transferidos à LE.

Em relação à colocação pronominal temos um caso que deve ser analisado com cuidado. Os dados obtidos refletiram um uso acentuado da próclise- tendência do PB, porém não podemos definir essa constatação como uma interferência da língua materna, já que o Espanhol permite a próclise e a ênclise.

Sabemos que a língua materna já foi muito rejeitada em salas de aula de LE, porém cabe a nós alertar que o uso dela contribui para que ocorra a interação entre os alunos, principalmente em níveis iniciais, no qual não dominam o léxico e outras estruturas gramaticais. Os dados aqui presentes demonstraram que a interferência da língua materna não foi determinante. Ela existe, entretanto a entendemos como parte do processo de aprendizagem da L2.

No que diz respeito à influência da língua materna na construção da interlíngua fica claro que o aprendiz está em etapas sucessivas de aprendizagem. Ele ainda não domina a LE, mas também não faz uso de sua língua materna, embora recorra a ela para preencher lacunas na L2. Ele testa hipóteses e reformula parâmetros, adquirindo assim a língua objeto.

Por fim, consideramos que a língua materna deve ser entendida como um instrumento facilitador na aprendizagem e de mediação que pode ser usado, sem excessos, nos níveis iniciais e finais. O uso consciente pode contribuir para a obtenção de uma aprendizagem significativa, principalmente no ensino voltado a adultos já que, como é defendido por vários teóricos, não possuem mais acesso à GU, portanto se baseiam nos parâmetros de sua língua materna.

## 6. Referências Bibliográficas

ARTOS, S. V. **La Enseñanza de la gramática del español como lengua extranjera a lusófonos**. ASELE. ACTAS XV, 2004.

CALVO CAPILLA, M. C. **O efeito da língua materna na aquisição de línguas próximas**. In: Elga Pérez Laborde. (Org.). *Identities em contato*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, v. , p. 07-370.

CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Holland: Foris Publications, 1981.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Nova Fronteira, 3ª Edição. Rio de Janeiro, 2001.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. UNICAMP, Campinas- SP, 1995.

DURÃO, A. B. A. N. **Análisis de errores gráficos de lusohablantes aprendices de español**. 1997. *Anuario brasileño de estudios hispánicos*, 7. p. 43 - 61.

GONZÁLEZ, N. M. **Portugués Brasileño y Español: lenguas inversamente asimétricas**. *Signos Ele*, v. 1, p. 1, 2008.

KATO, M. A. **A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical**. In: M.A.Marques, E.Koller;J.Teixeira & A.S.Lemos. (Org.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005, v. , p. 131-145.

LICERAS, J. M. **Enseñanza de lenguas: ¿Qué sucede cuando la lengua ya 'te ha crecido'?** *Section d'études hispaniques*. Université de Montréal, 2007.

\_\_\_\_\_ **La Adquisición de las lenguas segundas aquí y ahora o... cómo abordar la hipótesis de la interlengua en el siglo xxi**. *Actas del III Congreso internacional del Español en Castilla y León*, 2013.

MARTÍN, J. M. M. La adquisición de la lengua materna (L1) y el aprendizaje de una segunda lengua(L2)/lengua extranjera(LE): procesos cognitivos y factores condicionantes. In: SÁNCHEZ LOBATO, J. e SANTOS GARGALLO, I. (directores). **Vademécum para la formación de profesores- Enseñar Español como segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2008, 1ª reimpresión, pp. 261 - 286.

OTTONELLO, M. B. La interlengua del hablante no nativo. In: SÁNCHEZ LOBATO, J. e SANTOS GARGALLO, I. (directores). **Vademécum para la formación de profesores- Enseñar Español como segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2008, 1ª reimpresión, pp. 369 - 390.

PAVÓN, M. E. A. **Análisis de errores, contrastivo e interlengua en estudiantes brasileños de español como segunda lengua: verbos que rigen preposición y /o ausencia de ella** Espanha: Universidad Complutense de Madrid, 2009.

PIRES, L. C. **Aquisição da escrita-padrão do PB por brasileiros em esfera escolar**. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2015.

SIMÕES, A. M. **A sintaxe do espanhol e do português brasileiro: evidências para a gramática não nativa do espanhol**. Revista Caracol, v. 4, p. 08-39, 2013.

TAKSUCHI, N. N. **La Semejanza con la lengua materna: tropiezos para el aprendizaje del español**.

TERRA, M. R. **Língua Materna (LM): um recurso mediacional importante na sala de aula de aprendizagem de Língua Estrangeira (LE)**. Trabalhos em Lingüística Aplicada, Campinas-SP, v. 43(1), p. 97-113, 2004.

XAVIER, G. R. **Acesso à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2)**. Pesquisa em Estudos da Língua(gem) V. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 7 - 20.